

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO  
ESTRANGEIRO

## ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros .....	2\$600	Trimestre ou 6 numeros ....
Semestre ou 12 numeros .....	1\$300	N.º avulso ou pago á entrega
		1\$120
	ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS	
Anno ou 24 numeros .....	3\$600	Semestre ou 12 numeros ....
		1\$500

3.º ANNO—VOLUME III—N.º 55

1 DE ABRIL 1880

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAYURA—ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA—43, RUA DO LORETO, 43—LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



BANQUETE OFFERECIDO PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA AOS EXPLORADORES CAPELLO E IVENS, EM 17 DE MARÇO DE 1880

(Apontamento de Raphael Bordallo Pinheiro)



## SUMMARIO

**TEXTO.**—Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Viagens dos srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens á Africa equatorial, ALBERTO DE CERVAES — Nordenskiöld e a passagem do Nordeste, E. LIMA BARROS — As nossas gravuras — De Buenos Aires á Pampa por Cordoba, FRANCISCO D'ALMEIDA — Bibliographia.

**GRAVURAS.**—Banquete offerecido pela Sociedade de Geographia de Lisboa aos exploradores Capello e Ivens — O tunel de S. Gothardo — Xinzalla — Xinhime — O Zaize junto dos rodoinhos de Fuma-Fuma — A. E. Nordenskiöld, explorador dos mares glaciaes — O «Vega» na volta da exploração aos mares glaciaes, no porto de Lisboa — Castello de Leiria — A rainha D. Izabel, penetrando por entre as hostes do rei e do infante, evita a batalha do campo de Alvalade — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

O periodo dedicado pela Christandade á oração, passou sem que se possa dizer que a referida Christandade, pelo menos no que diz respeito a Lisboa, gastasse mais em orações do que em amendoas.

No tempo de scepticismo e de despepsias que vão correndo, o exemplo da Paixão — triste é confessional-o! — está aproveitando muito mais aos confeiteiros do que ás almas. A tradição apresenta-se dia a dia mais desnaturada, bastando, para o reconhecer, observar as romarias de familias que na noites de quinta e sexta feira santa percorrem as ruas da cidade, distribuindo igualmente as suas crenças pelas vitrines das egrejas e pelos thronos dos confeiteiros.

Dir-se-ia que a fé antiga passou a ser um artigo de moda e que as almas do nosso tempo, sedentas de novidade, confundem na mesma aspiração a salvação eterna e as cartonagens de Paris!

A singelesa primitiva das ceremonias religiosas desaparece dia a dia, para dar lugar a um apparatus theatral proprio da simplicidade christã. Illumina-se o Calvario a luz electrica e põem-se repuxos na base da Montanha onde expirou o Homem-Deus. A Aleluia é preparada pelos machinistas dos theatros e o programma da Paixão apparece publicado com oito dias de antecedencia nas columnas dos jornaes, para desafiar o apetite dos fieis.

Tal é nos traços geraes da sua phisionomia este periodo que ahi acaba de deslizar muito povoado de trajas pretos, mas algum tanto ermo d'almas candidas.

— Este anno a cerimonia pagã do enterro do bacalhau, mantida entre nós pelo sacerdote José Augusto, expirou ás mãos do governo civil. O intrepido pregador ainda luctou até á ultima extremidade para salvar a crença em que foi educado, mas teve de baquear ao som do apito administrativo, entregando-se manietado ao cutello da policia correccional, aonde vae talvez expiar o crime de dar ao bacalhau as flores de rhetorica que podia dar aos negocios publicos.

Entretanto é de receiar que, reprimida nas ruas a eloquencia do prégador José Augusto, irrompa nas assembléas politicas ou nos artigos de fundo, porque um José Augusto na vida das nações, não é propriamente um homem é um symptoma. É uma manifestação de rhetorica latente: se a suprimem d'um lado rebenta d'outro.

— Depois de corrido o veu do templo, correu-se o panno do theatro lyrico, e os dilettanti ha pouco unguidos pelos balsamos da igreja correram a ouvir a primeira arcada do Guarany.

Esta opera do maestro brasileiro Carlos Gomes, fillia-se no genero das operas amenas. É uma filigrana modelada em frente da grande architectura da *Africana*, com rendilhados inspirados manifestamente em varios estylos românticos já explorados. Denuncia, entretanto um bello talento de compositor, e se como trabalho definitivo não tem um valor extraordinario, como premicia valle já muito.

Quando se faz o *Guarany*, é-se obrigado a fazer em seguida meia duzia d'obras primas, sob pena de mentir ao que ha de mais sagrado nas promessas cantadas pela voz das primas-donas.

O maestro Carlos Gomes tem na verdade escripto as seis obras a que me referi, e quero acreditar, em homenagem ao talento revelado na sua primeira opera de grande repertorio, que ellas serão as obras primas citadas.

Falta-me simplesmente confirmar a minha previsão — ouvindo-as.

O *Guarany* foi posto em scena com todo o esplendor que os compositores modernos estão attribuindo á existencia dos selvagens, e d'esta vez o scenographo Manini achou na sua palheta os tons quentes e o colorido violento que convém á natureza tropical. Pode ter sido uma ou outra vez rhetorico em demasia e oriental em excesso, é todavia certo que foi um *interpète* digno de competir com a Sr.<sup>a</sup> Borghi-Mamo ou com Tamagno, imprimindo na paizagem o exacto colorido que Cecy imprimiu no canto.

A empresa — dizem os noticiarios — é digna dos maiores louvores pelo esplendor com que poz o *Guarany* em scena. Se não fosse verdade elles não o diziam. Entretanto o que os amadores intelligentes devem continuar a pedir á empresa é que faça cantar em S. Carlos uma opera nova que não seja velha. A ultima palavra da arte costuma ser ouvida no nosso theatro lyrico oito ou dez annos depois de preferida; pois muito bem, que a empresa se antecipe um tanto dando-nos, por exemplo, o *Mephistopheles* que foi dito ha pouco menos tempo ou, se receia este excesso de novidade, o *Lohengrin* que apenas tem cerca de doze annos.

Mas pelo amor de Deus! que faça comprehender aos dilettanti nacionaes que as primas-donas enamoradas cantam hoje ao som do bandomolim d'uma fórmula muito diversa por que cantavam em 1852!

— Este periodo do anno foi sempre aproveitado em todos os tempos pelos chronistas sagazes para insinuarem capciosamente no animo do leitor, a proposito da chegada official da primavera, o supplicante volume de versos que em cima da mesa trabalho aguardava pacientemente o ensejo de se poder recommendar á complacencia das leitoras.

O volume de que vou fallar não está n'esse caso. Chama-se, sim, os *Canticos da Aurora*, mas não tira este titulo da circumstancia de ser publicado n'este periodo de manhãs formosas. Chama-se assim porque tem d'esta, muita luz e muitos gorgeios, e porque é um livro em cujo seio se ouve trinar d'uma fórmula encantadora o eterno rouxinol da mocidade e do amor! Narciso de Lacerda é um moço poeta de um estro robusto. A sua poesia refresca-se nas caudae purissimas da verdadeira inspiração e não arrasta um vôo cansado atraz do curso olympico da aguia altaneira dos combates e das paixões estranhas. Nos *Canticos da Aurora* ha, por exemplo, versos como o formoso soneto que se segue:

Amar... — mas é preciso que saibamos  
Comprehender bem esta palavra — Amar,  
É ter na terra um céu com que vistamos  
O peito nu, d'angustia a trasbordar;

É ter sempre um degrau a que subamos  
Para fallar com Deus; é ter altar  
Do Bem... da Fé... e tudo que buscamos  
Na esphera azul, nas amplidões do ar,

Tel-o dentro de nós — tão bem guardado  
Em nosso coração... tão bem fechado  
Dentro do seio... que, se a tempestade

Ao seio rouba quem o seio amava,  
Lá fica ainda dentro d'elle, escrava,  
Uma restia de luz — uma saudade.

Ou ainda versos tocados de perfumada e poetica melancholia como os seguintes:

Deu-m'o tambem. A' sombra da amargura  
Abri o livro santo. As leis sagradas  
Fallavam-me de Deus, d'outra ventura  
Não sabida das almas desterradas ..

Quando, instantes depois, finda a leitura  
D'essas ardentes paginas doiradas,  
Alcei os olhos para lá da altura,  
Senti... — senti as palpebras molhadas.

E, remexendo a cinza do passado,  
Bemdizendo os que me hão amaldiçoado,  
Perdoei... por amor de minha mãe

E em nome do Evangelho, onde palpita  
Essa bondade mystica, infinita...  
Que leva o desgraçado a crer no Bem.

Mas além de grande numero de estrophes encantadoras, ha nos *Canticos da Aurora* versos d'um conceito profundo, tocados d'uma esquisita melancholia que assignala a individualidade do poeta. Os *Canticos da Aurora* é dos livros que se sentem; ha outros que apenas se leem; e ainda outros que simplesmente se compram — estes raros, devemos dizel-o em homenagem ao bom senso patrio — no que diz respeito a linhas rimadas.

E quando um livro se sente esse livro tem de ficar não no pó das livrarias, mas nas regiões aonde os bellos espiritos cançados da materia sacodem a poeira luminosa das suas azas.

— *Arabescos* é o titulo d'um novo livro da sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. Um livro forte, escripto pela mais delicada pena feminina de que por ventura se possa ufanar uma litteratura.

Nos *Arabescos* não se encontra, como o titulo podia deixar suppor que acontecesse, essa vaga e morbida sentimentalidade exigida por aquelles que tem ainda da mulher a noção de que ella foi feita para cantar. Ao contrario ha n'este livro paginas d'um vigor extremo, denotando um espirito perfeitamente orientado por uma educação digna do nosso tempo.

Os limites da chronica são extremamente estreitos para dizer tudo quanto penso dos *Arabescos* mas não me dispenco d'esse dever em occasião oportuna como me cumpre fazel-o, a respeito d'um livro devido á organização litteraria mais delicada, e, — sem deixar de ser feminina, — mais graciosamente intrepida das letras portuguezas.

— Em D. Maria II as *Causas e Effeitos*, drama de grandes prantos em cinco actos e um valle de lagrimas, produziu os mais sentidos choros de que foram theatro as casas de espectáculo na ultima semana.

A sr.<sup>a</sup> Paladini, a respeito do merito da qual o jornalismo principia a fazer a diversão a que está costumado na politica, deu a este drama de Paulo Ferrari todos os gritos dilacerantes de que é capaz, e todo o talento de que é susceptivel a sua possante individualidade artistica.

As *Causas e Effeitos* excitaram mais as lagrimas do que o dinheiro da sensibilidade publica, motivo por que a empresa deve estar convencida que no ultimo quartel do seculo XIX as familias quando muito estão dispostas a chorar de graça.

— O *Album das glorias*, publicação picaresca aonde Bordallo Pinheiro vae archivar os mais salientes typos nacionaes, tanto os que representam uma instituição como os que são um symbolo, acaba de fazer a sua appareição no mundo. Deve constituir um memorial precioso, para que os que se propozeram estudar a phisionomia da nossa sociedade contemporanea, esta galeria funambulésca aonde as figuras são desenhadas ao vivo com todas as suas côres e todas as suas linhas mais salientes.

GUILHERME D'AZEVEDO.



## VIAGENS

DOS SRs.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

## OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

## II

Em junho de 1876 Roberto Ivens, de volta dos Estados Unidos, estava outra vez em Lisboa.

Mas já quasi dois mezes depois, em agosto, partia para a estação naval da provincia de Angola, a bordo do mesmo *India*, em que fizera a viagem da America.

Em Africa passou para a corveta *Sá da Bandeira*.

A leitura dos viajantes, as conversações sobre a descoberta africana, e a proximidade do desconhecido continente, tudo accumulava impressões inquietas, planos, e como que faculdades de movimento, de aventuras, de grandes trabalhos de exploração, no espirito de Roberto Ivens.

Para elle os deveres monotonos de bordo e os serviços conhecidos da estação não eram senão um accessorio, uma coisa que se não considera como profissão já, em vista de um outro campo de acção mais vasto e, sobretudo, mais querido.

Um pequeno reconhecimento á Bahia dos Tigres começou a permittir a Ivens dirigir as suas atenções, de um modo effectivo, para o estudo da Africa.

E logo depois, por sua iniciativa, um escaler a vapor da canhoneira *Tamega*, levando a reboque um pequeno bote, subia em viagem de reconhecimento o rio Congo. N'elle iam, além de Ivens, os segundos tenentes Ernesto Carlos Roza e Alvaro de Salles Ferreira.

Assim subiram até Noki, cerca já do ponto onde a Expedição commandada por Stanley estabeleceu ha pouco a sua primeira estação permanente, — a *Josephina*.

Existe uma planta do rio Congo entre Borua e Noki, levantada por Ivens. Então no meio dos seus trabalhos topographicos, Roberto Ivens desenhava. São, d'esta viagem do Congo, os esboços ineditos que hoje o OCCIDENTE apresenta gravados, representando a ilha de Xinzalla junto da margem direita, Xinhime, povo n'uma pequena bahia da mesma margem, mais para nordeste, e as margens elevadas, em frente dos grandes redomoinhos de Fuma-Fuma, velados pelas nevoas que sobem evaporadas do rio, onde se vê o pequeno escaler dos exploradores.

O mappa onde se acham consignados todos os resultados principaes do reconhecimento e os desenhos de Roberto Ivens, foi offerecido por este á Sociedade de Geographia de Lisboa e pôde vêr-se nas suas salas.

As margens alcantiladas e inteiramente desertas aos olhos dos viajantes, estão, de Nsucu para cima, cobertas de grande vegetação.

Uma noite, ás 9 horas, o escaler portuguez chegou á vista de Noki e fundeou defronte, perto de uma praia da margem direita.

Roberto Ivens tinha desenhado o pequeno anchorete onde se achavam, com sete braças de fundo. Eram onze horas.

De repente, o escaler, arrastado pela corrente impetuosa, começou a derivar com rapidez. Então, apesar de todos os esforços, o barco corren, nas trevas da noite, para sobre uma grande pedra que emergia, das aguas longe, por sudoeste. No meio do rio, esta pedra, ás vezes quasi encoberta pelos rodoinhos da agua espumante, não havia sido reconhecida nem por Ivens nem pelos seus companheiros ao subirem a corrente. Mais para nordeste,

perto da margem esquerda, havia uma outra pedra maior chamada o *diamante*.

O escaler passou de corrida perto d'esta e foi galgar a primeira, sem quasi lhe bater, n'um movimento de agua, com uma corrente de cinco milhas.

Era Roberto Ivens quem, n'este momento terrivel, ia ao leme.

A essa pedra pozeram o nome de *Amethista*. Pouco depois Ivens voltou a Loanda onde, em maio de 1877, recebeu a sua nomeação para fazer parte d'uma exploração de estudo e descoberta ao interior d'África.

Partiu por isso no *India* para Lisboa onde apenas se demorou vinte e sete dias.

Quando voltou a Angola já ahi estavam os outros dois exploradores, Hermenegildo Capello e Serpa Pinto.

Quando Serpa Pinto, encontrando Stanley no Congo, o trouxe consigo do norte, o celebre viajante que acabava de descobrir o Luabala-Zaire-Congo, foi viver com os exploradores portuguezes em casa de José Maria do Prado, em Loanda.

Ahi estiveram todos mez e meio.

Durante esse tempo Stanley fazia a carta das suas immensas viagens e Capello, Ivens e Serpa Pinto colligiam todos os elementos necessarios para a viagem que iam emprehender. Nos intervallos multiplicavam-se, em honra do viajante que chegara, e em honra dos viajantes que iam partir, os jantares e os discursos.

Stanley tem um notavel talento de imitação e por isso tentava com felicidade reproduzir as physionomias, os costumes dos povos que conhecera na sua extraordinaria travessia. Outras vezes fazia, com immensa fidelidade, a imitação grotesca dos exploradores portuguezes.

E aquelles quatro homens, um que mil vezes escapára á morte, os outros que mil vezes a iam afrontar, passavam horas cheias de bom humor, a figurar, aos pulos pela casa, as danças e os combates dos povos negros do sertão.

Um dia Stanley partiu para o Cabo da Boa Esperança para regressar á Europa, e, os tres portuguezes, foram para Benguela, d'onde se internaram a cumprir a sua difficil missão.

(Continúa)

ALBERTO DE CERVAES.

## NORDENSKIOLD E A PASSAGEM DO NORDESTE

## I

Foi assim que eu conheci o professor Nordenskiold:

Era em 1876, em Philadelphia, nos Estados Unidos.

O imperador do Brazil fôra visitar a Exposição Internacional, e estava hospedado no Hotel Continental, o maior da cidade, situado em *Chestnut street*, no angulo que esta fôrma com a rua 10.

Ao chegar, o imperador dirigira convites especiaes a um numero limitado de pessoas com quem elle queria conversar, ás terças e sabbados, das oito á meia noite. Á parte dois portuguezes, que, por serem portuguezes, haviam sido convidados, os demais frequentadores estrangeiros das *soirées* imperiaes, eram todos homens notaveis, escriptores, sabios, inventores, viajantes.

Um sabbado o auctor d'este artigo entrou para o *Continental Hotel* de Philadelphia, atravessando o *dinning room* do *rez-de-chaussée*.

Em volta das mezas pequenas, aos lados da casa, homens e senhoras, principalmente senhoras, tomavam *ice cream*. Os homens, como sempre, silenciosos, de preto; as senhoras americanas, fallando, rindo, gesticulando, com factos claros e alegres.

A grande salla de entrada estava cheia de gente que passeava, ou alava em grupos. Viam-se brilhar as luzes do longo balcão onde

os caixeiros lentamente, com methodo, escripturavam, destinavam os quartos para os viajantes, que chegavam, segurando as suas proprias mallas; e, por cima das cabeças, com grandes cores vermelhas, e effeitos brancos, onde a luz se reflectia brilhante, destacavam-se os annuncios de Sozodont, de Singer, de Tenants, de Cab, e os traços negros dos caminhos de ferro, indicando, sobre mappas, os caminhos mais curtos para ir *to all the countries in the world*.

Ao fundo havia o *Bar-room*: A noite estava quente, e, junto do balcão alto, apinhava-se immensa gente pedindo de beber.

Levei tempo a chegar lá, mas, por fim, achei-me em pé, diante d'um copo de limonada alto, cheio de pedras de gelo, morangos, rodas de laranja atravessadas por duas palhas de centeio, grossas e altas, pelas quaes se suga o liquido.

E' um pouco comico o esgotar por esta fôrma a limonada, mas é extremamente agradável.

Á minha esquerda, um homem extremamente loiro, de luneta como eu, entregava-se, perante outra limonada, ao mesmo exercicio, com a attenção meticulosa propria dos grandes miopes.

Conhecendo que não eramos americanos, e que assim eramos ambos viajantes, trocámos algumas palavras a respeito da America e do *Bar-room* e separou-nos, pouco depois, a multidão.

Meia hora mais tarde, porém, ambos subiamos, ao lado um do outro, a grande escada do hotel, e ambos paravamos diante da porta dos aposentos do imperador do Brazil.

Sua magestade recebia em duas sallas pouco vastas e pouco mobiladas. A segunda tinha uma porta de communicação por onde ás 11 horas se passava para a salla grande onde estava servida a ceia.

Até essa hora conversava-se.

Pelas oito e meia um preto arredava um repositório, afastava-se respeitosamente e dizia, pronunciando á ingleza:

— *D. Pedro*.

O imperador entrava então e passava a noite a conversar successivamente com todos os seus convidados, falando a cada um na sua especialidade, com perguntas interessadas e demorando-se, principalmente, com os que mais tinham que dizer-lhe de novo e de mais notavel para o momento.

No sabbado a que me refiro, uma grande parte da noite passou-a D. Pedro a conversar, sentados ambos n'um sophá, com o homem loiro que bebera a limonada juntoa mim.

Entretanto, a pouca distancia — n'um grupo onde estava o professor Lavoisier do collegio de França, o commandante Du Perier do *Bureau des longitudes*, Otto Trol, o celebre viajante e geologo sueco — Luis Simonin, o celebre escriptor; dizia:

— Sua magestade tem em alto gráo um talento raro nos reis: não sabe só fallar, sabe ouvir.

— E quem está elle ouvindo ha tanto tempo? perguntei eu então.

— O viajante Nordenskiold, respondeu-me Torel.

Era com effeito Nordenskiold o meu companheiro da limonada. E, em quanto o imperador o escutava, olhando de vez em quando em volta e fazendo reflexões com uma voz lenta e ciosa, Nordenskiold explicava, sobre um mappa, as suas viagens recentes aos mares polares e á Siberia, explicando a importancia especial dos Obi, Yennissei e Lena, na producção da Asia e do mundo.

Minutos depois era eu apresentado ao celebre professor sueco.

Eis como eu conheci Nordenskiold.

Era elle então como hoje um homem de notavel expressão de physionomia, a um tempo profundamente serena, bondosa; paciente, determinada e forte. Quando comprimentava curvava-se muito e fechava inteiramente os olhos com um ar adormecido e humilde; mas, quando fallava nos seus planos e nos seus trabalhos, tinha então, nos olhos bem abertos, claros e visionarios, uma luz energica, decidida e orgulhosa.





O TUNEL DE S. GOTHARDO, ABERTURA EM GOSCHENEN, NA SUISSA

VIAGEM DE RECONHECIMENTO AO ZAIRE EM 1876



XINZALLA — Vista do S. O.



XINHIME — Ponta do O.



O ZAIRE JUNTO AOS RODOMINHOS DE FUMA-FUMA (Segundo desenhos do explorador Roberto IVINS)







## II

As viagens do professor Nordenskiöld ás regiões articas são já hoje numerosas, e os resultados scientificos obtidos por ellas importantissimos.

Em 1858, em 1861, em 1864, e em 1868, encontrámo-lo explorando o Spitzberg. A ultima d'estas expedições foi como a de 1878, organisaada em Göthenburg, em grande parte á custa de capitaes particulares. Era então tambem Nordenskiöld quem dirigia a missão scientifica. O navio onde ella navegou até 81°,42 de latitude norte chamava-se *Sofia*.

Em 1870 Nordenskiöld fez a sua celebre expedição á Groenlandia. Ahi tentou explorar completamente a grande neveira do norte. As neves cobriam irregulares, fragmentadas, abertas ou accumuladas até grandes alturas, um espaço de mais de 100,000 kilometros quadrados tendo mais de 1 kilometro meio de espessura, nos grandes abismos, numerosos, onde era possivel sondar e medir. Apenas alguns rochedos mais escuros, pincaros sem duvida de altas montanhas, surgiam a espaços, da neve alvissima.

A vida era difficilissima em tal paiz, e os perigos, ao que parecia, irresistiveis. A todo o momento tinham de tentear com cuidado a neve molle e falsa, ou de tornear as fendas abertas no gelo, algumas, ás vezes, de mais de 30 metros de largura.

Os Esquimaos que acompanharam os suecos n'uma parte da viagem, recusaram-se um dia a ir mais adiante, e o professor Nordenskiöld e o dr. Berggren proseguiram sósinhos.

Em 1872 trez navios partem de novo para

o Spitzberg. Esses navios são o *Polhem*, já então commandado pelo mesmo tenente Palander que ha pouco esteve em Lisboa com o *Vega*; o *Gladon* e o vapor mercante *Adam*. No primeiro iam a commissão scientifica dirigida por Nor-

denskiöld de que tambem fazia parte, como agora, um italiano o tenente Parente, e os instrumentos para as observações; o segundo navio, um pequeno brigue, levava mantimentos.

Por 79°, 54 de latitude norte, a expedição, presa das neves, julgou-se perdida. O vapor *Albert* foi mandado de Christiania em seu socorro, e as duas baleeiras *Isbiom* e *Greenland* tentaram em vão aproximar-se-lhes.

Entretanto, no meio dos gelos, sem saberem por quanto tempo, esgotando-lhes os recursos, o frio os conservaria encerrados até, talvez, matá-os; entretanto, os sabios, estudavam serenamente o magnetismo terrestre, as suas relações com as auroras boreaes, a refração atmospherica nas baixas temperaturas, etc.

Em 1874 Nordenskiöld começa a solução directa do problema da Passagem do Nordeste que fez o assumpto da ultima viagem de 1878. Consegue assim atravessar da Noruega para a Siberia por mar, desembarcando na embocadura do Jénesei, o rio que vae juntar as suas aguas, quasi no mesmo golfo, com as do outro grande rio da Siberia occidental, o Obi. Esta viagem foi executada em menos de um mez. Já então o seu organisador foi o sr. Oscar Dickson de Gothenburg, o mesmo que sustentou a viagem de 1878.

Os resultados scientificos obtidos nas viagens do professor Nordenskiöld são immensos.

Data d'ellas, sob muitos pontos de vista, a revelação da natureza dos paizes do norte da terra, e ainda a reunião dos mais importantes materiaes para o esclarecimento de questões relativas á phisica e á biologia geral do globo.

N'uma das grandes estações feitas ao norte



A. E. NORDENSKIÖLD, EXPLORADOR DOS MARES GLACIAES  
(Segundo uma photographia tirada ultimamente em Napoles)



O VEGA, DE VOLTA DA EXPLORAÇÃO AOS MARES GLACIAES, NO PORTO DE LISBOA (Desenho do natural por J. Dantas)



do Spitzberg, por 79° de latitude, quebrando o gelo do fundo do mar, encontraram-se exemplares numerosos e interessantíssimos de vegetaes e de animaes: toda uma fauna, e toda uma flora reveladora.

Entre 30 e 100 metros de profundidade viu-se então que as formas animaes eram tão ricas como as dos mares tropicaes, apesar das temperaturas da agua funda serem, sempre, inferiores a zero.

As plantas fosseis colhidas n'estas expedições, e estudadas depois, muitas d'ellas, pelo celebre Oswald Heer, revelaram a grande vegetação que, n'uma remotissima antiguidade, nos tempos da hulha e nas formações jurassica, cretacea e terciaria, cobriam estes terrenos, agora desolados e glaciaes, com os fetos e as lycopodeaceas arboreas, as sagilarias, as calamites e ainda os platanos, os carvalhos, as sequoias.

Foram tambem as observações e os estudos de Nordenskiöld, distincto geologo e mineralogista, que forneceram preciosos documentos para a determinação da idade relativa dos terrenos do norte da Europa.

Foi na ilha de Disko que o celebre viajante sueco descobriu grandes massas de ferro nativo uma d'ellas pesando mais de 20,000 kilogrammas, outras contendo nickel, de envolta com o ferro, da mesma natureza das meteorites que caem na terra dos espaços planetarios, mas tambem da composição das rochas, que as erupções vulcanicas do norte lançam, das partes centraes da terra.

O magnetismo terrestre e a meteorologia devem a estas viagens, observações importantes: Todo um systema de circulação aerea foi n'ellas determinado, estudados, nas suas relações mutuas, os ventos quentes, elevados, do sul e os ventos glaciaes, baixos, do norte.

(Continúa)

E. LIMA DE BARROS.

## AS NOSSAS GRAVURAS

BANQUETE OFFERECIDO PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA  
AOS EXPLORADORES CAPELLO E IVENS

No dia 17 do mez passado realisava-se nos salões do hotel de Bragança, uma festa de confraternidade excessivamente eloquente pelo movel que a determinou, e extremamente brilhante pela forma porque foi levada a effeito.

Era o banquete offerecido pela sociedade de geographia de Lisboa aos dois exploradores Brito Capello e Roberto Ivens, depois da sua proveitosa excursão scientifica pelas regiões africanas. A sociedade testemunha, assim officialmente a consideração que lhe mereciam os importantes serviços que os dois intrepidos exploradores acabavam de prestar á sciencia, e em especial ao seu paiz.

A este banquete, além de muitos socios da sociedade de geographia, assistiam o Sr. Presidente do Concelho de ministros e ministro da marinha, varios diplomatas e entre elles Mr. de Morier, illustrado ministro da Inglaterra n'esta côrte, que n'um eloquente e interessante brinde saudou a sociedade de geographia de Lisboa que o conta no numero dos seus consocios brindado egualmente dos dois exploradores.

Foi uma festa de confraternidade scientifica e internacional extremamente sympathica. A nossa gravura da primeira pagina feita sobre um *croquis* do Sr. Brodallo Pinheiro, representa o aspecto do brilhante salão em que teve lugar o banquete.

### O TUNEL DE S. GOTHARDO

A gravura que damos no OCCIDENTE representa um dos mais grandiosos empreendimentos do nosso seculo, um dos que melhor caracterisam o poder que o genio do homem soube alcançar. Eis um dos milagres da sciencia e uma das mais eloquentes affirmativas da moderna civilização!

O tunel de S. Gothardo, que atravessa o monte d'este nome, mede cerca de quinze kilometros de extensão entre Airolo e Goschenen, na Suissa. Começado o perfuramento pelas duas extremidades ao mesmo tempo, foi no

dia 29 de fevereiro ultimo que as duas galerias, simultaneamente cavadas, se encontraram. Duraram os trabalhos sete annos e cinco mezes, quatro annos e meio menos do que os do tunel do monte Genis.

O perfuramento foi operado por meio de uma machina de invenção recente, a *perfuradora*, actuando sobre a rocha e movida por meio de ar comprimido. Uma vez feitos os furos enchiam-se de dynamite, e os destroços provenientes da explosão eram transportados em wago-netes.

Só com os recursos que a sciencia moderna pôe ao alcance dos trabalhadores se poderia levar a cabo uma obra de proporções tão collossaes. O problema do ar respiravel, por exemplo, a distancia d'uns poucos de kilometros da atmosphaera livre, bastaria para impedir semelhante tentativa se o genio do homem não tivesse já descoberto meio de superar semelhante dificuldade por meio de machinas apropriadas. Em Airolo construíram os engenheiros um grande laboratorio encerrando quatro grupos de cinco compressores, dos quaes alguns movidos pelas turbinas Girard, alimentando-se de agua no Tessino. Estes mecanismos serviam não só para fabricar o ar comprimido mas tambem para alimentar as locomotivas e machinas dos trabalhos.

Algumas palavras das condições especiaes em que foram executados os trabalhos.

A temperatura augmentava progressivamente até atingir 33° centigrados. Pode suppor-se quanto o trabalho era penoso n'uma atmosphaera de tal forma viciada, humida e quente, apesar do traço extremamente ligeiro dos operarios, cujo unico *vestuario* consistia n'umas botas immensas, além d'um chapeu.

Pôde dizer-se que sem o recurso do ar comprimido, jámais o trabalho empreendido teria sido levado a cabo. Foi em S. Gothardo que a applicação d'este processo foi judiciosamente applicado em larga escala.

Comparada a presteza com que foram executados estes trabalhos e os do monte Genis é facil avaliar quanto os processos mechanicos tem progredido em tão curto espaço. Dentro de poucos mezes a locomotiva atravessará a montanha, realisando-se assim um dos mais arrojados committimentos da nossa epoca.

Sobre os montes de S. Gothardo combatiam ha oitenta annos, encarniçadamente, as tropas de Messena e de Souvarow, hoje seis ou sete mil metros abaixo d'esse solo outr'ora regado de sangue, os *conquistadores* modernos realisam a obra de paz e de confraternidade que mais pôde honrar os homens e as nações!

### CASTELLO DE LEIRIA

O Castello de Leiria, hoje em ruinas, está edificado sobre um elevado monte, o que permite seja avistado de grande distancia pelos que se acercam d'aquella historica cidade.

É dos mais celebres na historia do nosso paiz, este castello, theatro de continuas e porfiadas luctas, especialmente nos seculos XII e XIII, quando mouros e christãos o conquistaram e reconquistaram successivamente, até que no reinado de D. Sancho I ficou definitivamente em poder dos portuguezes.

D. Affonso Henriques fundou este Castello em 1135 reedificando-o e ampliando-o em 1141.

No recinto das suas muralhas ainda hoje se veem as ruinas dos paços de D. Isabel de Portugal.

O Castello de Leiria é tão notavel como a povoação d'este nome, uma das mais antigas do paiz e a que mais recordações historicas andam ligadas.

Leiria está envolvida em fabulas mais ou menos pittorescas e não poucos eruditos se tem occupado da historia da sua fundação. Segundo alguns foi fundada pelos Colimbrios, segundo os outros pelos Romanos no primeiro seculo do christianismo, dando á cidade o nome d'uma dama romana, chamada Laeria ou Laberia.

Leiria tomou primeiro o nome de *Laberia Galla*, chamando-se depois *Leiria*.

Leiria é já agora celebre por n'ella se passar a acção do celebrado romance d'Eça de Queiroz — *O crime do padre Amaro*. Para dar a phisionomia exacta da cidade, este romance valle mais do que o mais completo roteiro, fazendo desfilar aos olhos dos leitores uma galeria de typos extremamente conhecidos de todos quantos tem observado a vida das nossas cidades de provincia.

O desenho que hoje publicamos é extraído d'um album de viagem d'Alfredo Keil, collaborador assiduo do OCCIDENTE que do mesmo artista publicará successivamente outros desenhos notaveis.

### O NOSSO SUPPLEMENTO

Bartholomeu Dias descobre o Cabo da Boa Esperança e colloca o padrão de S. Filippe

Damos hoje em supplemento aos assignantes do OCCIDENTE uma gravura representando este magnifico cartão do Sr. Victor Bastos a quem a arte portugueza deve tantos trabalhos excellentes.

É inutil encarecer o assumpto tatando-se de um caso historico tão vulgarisado, e encarecer o trabalho do artista, julgado já pela critica e applaudido por todos que o tem visto.

Não só o assumpto está tratado com todo o rigor historico, como ha verdade na disposição das figuras agrupadas n'este bello quadro.

O cartão original mede 1<sup>m</sup>,92 por 1<sup>m</sup>,38. Esteve na ultima exposição portugueza no Rio de Janeiro onde foi premiado com o diploma de medalha d'honra.

Julgamos ser agradaveis aos nossos assignantes offerecendo-lhes este trabalho que, ao mesmo tempo que honra um artista portuguez, commemora um dos factos mais gloriosos da nossa historia.

## DE BUENOS AIRES A PAMPA

POR CORDOBA

— Esa cara de miserere es impropia de la situacion, disse Behety a Gutierrez, tocando-lhe levemente no hombro.

— Estará enfermo, el pobrecito, observou Ballete.

— Talvez tenha somno, disse eu.

— Tienes sueño, joven? perguntou-lhe Behety.

— Eh, despierta amigo! gritou-lhe Cobo.

— Alza la vista!

— Es un loco!

— Es un zozzo!

— Que se vaya á la cama.

— Que se vaya al infierno y nos deje en paz!

— Bien dicho, doctor, muy bien dicho, acudiu Santiago Estrada. Es indigno de nuestra amistad.

— É ir muito longe, Santiago, disse eu. Gutierrez tem boas qualidades...

— Es un mamarracho.

— Un picaron! Usted no lo conoce.

— Eso es broma, amigo Santiago, exclamou, em fim, Gutierrez, levantando-se e encaminhando-se para a porta.

— No, no; es muy serio, acudiu Behety, cortando-lhe o passo.

— Hombre, serio es lo que me ha sucedido!

— Que fué?

— Habla, compañero!

— Imaginad, señores... No, no; es secreto. Adios!

— Continúa, si no mueres! gritou Cobo, collocando-se-lhe na frente.

— Pero amigo, es secreto!

— Nadie lo revelará, tornou Cobo. Habla. No me hagas perder la paciencia!

— En fin, señores; ya que tanto aprietan... Pero ustedes me dan su palabra, que no pasará de entre nosotros lo que os voy á decir?

— Así lo juramos!

— Almeida, continuou Gutierrez, tomando-me o braço, me parece que la locomotora dió la señal de partida.

— No, verguenza de los Argentinos! exclamou Cobo; no saldrás de mis manos, sin que nos cuentes...

— Atención, pues, señores.

— Somos todos ouvidos, ajuntei eu.

— Bueno!... La cosa empezó por no poder conciliar el sueño en toda la noche!...

— É extraordinario! exclamei eu, simulando grande espanto.

— Que calabazas se habrá llevado!

— Behety amigo, io fui el que me estuve dando de calabazadas toda la noche!...

— Pobrecillo!

— Y sabeis porque, compañeros?



— No!

— Porque... No puedo!

— Este majadero vino al mundo para hacer rabiar la humanidad!

— Pero usted me ahoga, señor Cobo!

— Ese es mi propósito si no conclues breve. Vamos; porque no has dormido?

— Porque... Señores, es un secreto, y las paredes tienen oídos!

— Habla judío, que estamos solos.

— No hay nadie?

— Nadie.

— Bien; entonces escuchad, proseguí Gutierrez, lançando em torno um olhar desconfiado e baixando a voz de modo que só nós podessemos ouvir. Esta noche tuve el diablo en el cuerpo!

— No lo creo!

— No puede ser!

— Quiere embromarnos.

— Talvez fosse vinho, observei eu.

— Seguramente, disse Behety. Eso de diablos es cosa de frailes y no se puede tomar hoy como asunto sério.

— Claro! interveiu Cobo, no mesmo tom. Es lo mismo que los milagros, los exorcismos...

— No diré el contrario, atallhou Gutierrez. Pero, señores, no os quede la menor duda de que yo, el hijo de mi padre...

— Y nieto de tu abuelo.

— Si, señores! gritou Gutierrez. Y sobrino de mi tío. Adios! No digo mas!

— Habla, hombre de Dios!

— Por consideracion al gringo, tornou Gutierrez, reunindo-se novamente ao grupo, proseguiré; pero si vuelven á interrumpirme...

— Continúa, orgulho dos filhos do Prata, disse eu n'um tom serio e magistral, que a todos fez rir; continúa, que ninguem mais ousará cortar a enfiada de perolas...

— Almeida! dáme tu mano. Tú eres el único que me comprende!... Bien, señores, continuou, accendendo um cigarro. Decia yo y repito que esta noche he tenido el diablo en persona dentro de mi cuerpo, que no me ha dejado reposar y que me puso en la cabeza una idea tenaz, que en vano he hecho lo posible por borrar, sin conseguirlo un solo instante.

— Es singular! exclamámos todos a um tempo.

— Si, compañeros, es muy particular!

— E essa maldita idéa ainda...

— Por supuesto!

— Este borracho con sus zonzeras quiere hacernos perder el tren, exclamou Cobo, dirigiendo-se para a gare.

— Borracho! señor Cobo. Eso es muy fuerte! gritou Gutierrez, correndo atraz d'elle.

— Siempre burlon, disse Santiago, referindo-se a Gutierrez.

— De prisa, compañeros, de prisa! gritou Cobo, entrando para uma carruagem de primeira classe.

Ai, meu Gutierrez, quão longe estou de ti, e quantos annos teem passado por cima do nosso estreito abraço de despedida, no coração da Bohemia bonaerense!

Parece que o estou vendo — aquelle bom rapaz, o Mephistopheles, como lhe chamavam os seus amigos: estatura regular, magro, rosto comprido, pallido, barba e cabello pretos, nariz aquilino, fronte espaçosa; physionomia intelligente; uns olhos reflectindo a sensibilidade de uma grande alma...

— É um excellent moço.

— Que diria usted, acudiu Santiago, si hubiera conocido el hermano...

— José Maria? pregunté eu.

— Si, adveiu Cobo. Hombre muy formal! Un folletista...

— Qué folletista, amigo! interveiu Behety; no diga usted zonzeras. Gutierrez jamas escribió folletos. Era un periodista; pero qué periodista, Almeida! que pluma! Una palabra, una frase suya valia un mundo!

— Notable ingenio!

— El pais perdió mucho!

— Todos los dias, continuou Behety, aquel gigante de la prensa se hacia recordar de amigos y enemigos, lanzando uno articulo envuelto en cascabeles y púas. Todos los dias, Almeida, como Courier flagelaba y escarnecia á la corte, nuestro distinguido compatriota satirizaba las ridiculeces del ministerio y perseguia á sus rivales como el cazador las alimañas...

— Y que original! disse Balleto.

— Si, muy original! repetiu Behety. Todos los dias, amigo, proseguí entusiasmado, con el sarcasmo de Cobbett, con la sátira de Luciano, con la chispa de Figaro y con un pincel de verdadero pintor, todos los dias Gutierrez alborotaba el catarro con franca risa y divertimento de los que concurrían á la fiesta cotidiana!...

— Gutierrez, ajuntou Santiago, me recuerda los niños que se divierten en matar las moscas con pequeños cañoncitos.

— Pero, amigo Santiago, acudiu Behety, cuanta diferencia media sin embargo entre uno y otro entretenimiento. Aquí la intencion no era tan simple, ni tan candida, las moscas eran moscardones que zumbian desde la mañana, y los cañoncitos cañones rayados cuyas atronadoras descargas producian en los aires algo semejante al ruido de las tormentas primaverales...

— Bravo! disse eu; estás inspirado.

— Oh! exclamou Cobo, no es para admirar. Behety es un genio!

— Gracias, caballero.

— Mira, disse-me Balleto, apontando para as portinholas do carro; que cuadro mas bello!

E, na verdade, nada mais pittoresco, nada mais encantador do que o caminho que a machina então seguia: á esquerda, coroando as eminencias, habitações elegantissimas, hortas, jardins, uma vegetação esplendida; á direita, o soberbo rio de aguas prateadas, e horisontes illimitados...

Devéras senti remorsos do que momentos antes dissera em desfavor de Buenos Aires e circumvisinhanças, e que, felizmente, fôra levado pelos meus companheiros á conta de broma. Mas, não fallei sem motivo, que, por vezes, julguei atravessar a mais arida e miseravel aldeia de alarves.

— Eres de mármol, disse Behety, encarando-me de um modo que me fez rir. En la presencia de una maravilla...

— De duas, se me dá licença, observei eu, indicando com os olhos duas lindas porteñas, com quem Santiago ia já em delicioso colloquio.

— Eso es, disse Balleto, sorrindo: el rio y el paisaje.

— Qual preferes? pregunté-lhe eu.

— Francamente, amigo, respondeu Balleto, no sé decidirme.

— Yo voto por el rio, disse Cobo.

— E admiravel! exclamei eu; tem grandes encantos! Mas a paisagem, meus amigos...

— Soy del mismo parecer de Almeida, acudiu Behety.

— Pues, señores, interveiu Santiago, a quem não passára desapercibida a conversação, á mí me gusta lo mismo el río que el paisaje.

As duas filhas do Prata trocaram entre si um sorriso... angelical.

A que mais me impressionara mal contaria vinte annos, e era bella como um raio da aurora, se me permittem esta etherea comparação: cabello louro, brilhante, deslizandose pelas abas de um elegante chapéo; um rosto, que parecia haver roubado a louçania e colorido á mais fresca rosa; fronte intelligente; olhos limpídos, azues como o céu que os illuminava, coroados por sobranceiras finas, arqueadas, e um pouco mais escuras que o cabello; nariz perfilado, quasi transparente, e com essa curva suavissima, que é o melhor distintivo da imaginação e do talento; bocca pequena, rosada como o carmim, e cujo labio inferior tinha o adoravel defeito de sobresair algumas linhas ao labio superior.

— Ora diga-me Cobo: Vossê já viu physionomia mais distincta?... Repare bem n'aquel-

las feições. Não revelam delicadezas de alma, de organisação, de raça?...

— Es un angel! exclamou Balleto.

— Mira, continui eu, dirigiendo-me a Behety, que cintura! que collo!...

— Es adorable!

— Sabes de que me estão dando idéa aquelle corpo e aquella bellissima cabeça?... De um vaso de alabastro com uma flôr!

— Hay, amigos, en esa criatura, notou Balleto, algo de aereo, de vaporoso, que esparce en torno suyo un perfume, que solo es perceptible al alma...

— De quien? De Cobo? preguntou Behety, sorrindo.

— No, respondeu Balleto. Cobo es un bárbaro!... Al alma de los que tienen el sentimiento de la belleza! al alma de los verdaderos poetas!...

— Y nada mas, amigo? preguntou Cobo.

— Oh, no, no! continuou Balleto; no es una mujer!...

— Virgen Santissima! exclamou Cobo, levando as mãos á cabeça. Un hombre en traje de mujer! Quien lo diria!

— Calla, infeliz! acudiu Balleto. No me comprendes. Quiero yo decir que con aquella fisionomia de perfles, formas ligerissimamente dibujadas por el pincel delicado de la naturaleza, mas parece, oye miserable! una diosa, una idealizacion de artista, que un ser viviente en este prosaico mundo en que vivimos.

— Pues entonces, tornou Cobo, tome usted la rúbia, é yo tomaré la otra.

E o facto é que o maganão, pronunciando-se por esta, não dava provas de mau gosto. Era uma mulher, realmente seductora: alta, delgada, pallida; fronte pouco espaçosa, mas fina, descarnada, redonda; cabello castanho escuro; olhos um pouco mais escuros que o cabello, pequenos, mas animados, inquietos; nariz recto, perfilado; bocca talvez grande, mas fresca, bem rasgada.

— Parece una azucena mecida blandamente por la brisa de la tarde, disse Cobo. Que encantadora sonrisa! que esplendida cabellera! que brillo en los ojos!... Que fisionomia mas bella, por Dios!

— Talvez a palavra *interessante* seja mais propria para classificar-a, observei eu.

— Clasifiquela usted como le guste, volveu Cobo. Á mis ojos, que digo yo?! á los ojos de todos que no sean bárbaros, como ustedes, es una criatura linda!

— Não digo o contrario.

— Una hermosura! continuou Cobo. En esa, si señor, en esa es que la naturaleza agotó todas sus riquezas, todos sus tesoros de perfecciones!...

— Evidentemente, hermano, disse Behety, es una mujer irresistible! Pero si es permitido a un simple mortal, cual yo soy, emitir su opinion, te diré que la pródiga madre no ha sido de todo feliz en su obra.

— Esplicate.

— Dió á la tez de esa virgen celestial un color pálido oscuro, que mucho la perjudica.

— Es una boberia! exclamou Cobo.

— No tanto, caballero, retorquiu Behety. Tengo mis razones.

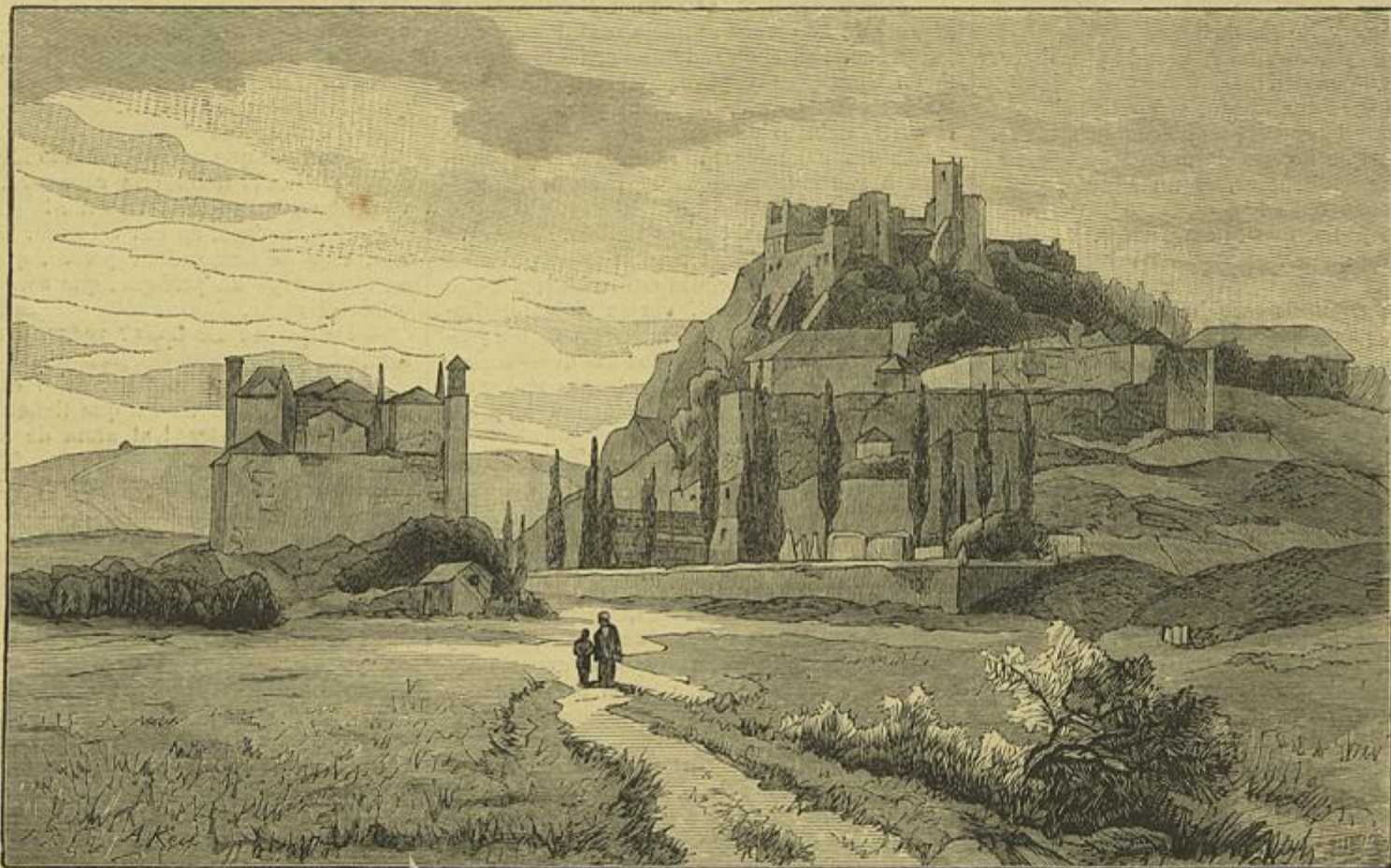
## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Do que se dá ao pobre na terra, o eterno nos enthousoura no céu.





CASTELLO DE LEIRIA — (Segundo um desenho do natural por A. Kett)

— Denuncia um temperamento nervoso de mais...

— Eso es, respondeu-me Behety.

— Tanto mejor, amigos, acudiu Cobo. La nerviosa es la reina de las mujeres!

— No diré el contrario, mi querido Cobo, tornou Behety, no tom serio e grave, que lhe era peculiar. Me parece, empero, que en las criaturas de ese temperamento, la vida vive mas en el espiritu que en el cuerpo.

— Y á mi que me importa! disse Cobo, encolliendo os hombros. Deja acaso de ser la misma mujer, que tengo presente y me encanta con sus prendas físicas? Mira, como se dibuja en su semblante la expresion melancolica y dulce de una organizacion amorosamente sensible!

— Dice antes, acudiu Behety, una expresion picante que hace de su dueña una de esas mujeres á cuyo lado los hombres tienen menos prudencia que amor y mas placer que entusiasmo.

Behety tinha razão. Ha nas mulheres magras, pallidas, de fôrmas pouco pronunciadas e de temperamento nervoso, um não sei quê de voluptuosidade instintiva que impressiona facilmente o sangue e a imaginação dos homens; o contrario, justamente, do que sentimos na presença d'essas outras creaturas, cuja tez branca e rosada, olhos tranquillos e physionomia candida revelam um certo socego de espirito, que as faz passar aos olhos dos profanos por indifferentes e aos dos poetas por anjos.

(Continúa).

FRANCISCO D'ALMEIDA.



A RAINHA D. ISABEL, PENETRANDO POR ENTRE AS HOSTES DO REI E DO INFANTE, EVITA A BATALHA DO CAMPO DE ALVALADE

Gravura extrahida do 2.º volume da Historia de Portugal, edição da Empresa Litteraria de Lisboa

## BIBLIOGRAPHIA

HISTORIA DE PORTUGAL ILLUSTRADA. — Acaba de sair á luz, inteiramente concluido, o segundo volume d'esta publicação, emprehendida pela EMPREZA LITTERARIA DE LISBOA.

Este segundo volume é escripto pelos bem conceituados escriptores Bernardino Pinheiro e Luciano Cordeiro, e mantem os credits que o primeiro tomo da obra já tinha adquirido no mundo das letras.

A estampa que figura hoje na ultima pagina do OCCIDENTE, composição de Manuel de Macedo, é d'uma das illustrações d'este volume e não desmerece das muitas outras estampas entrecaladas na obra.

D'esta historia ha já concluidos tres volumes, estando em via de publicação outros tres. A empreza esforça-se assim para cumprir lealmente o seu programma, levando a cabo tão importante publicação.

## AVISO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido um supplemento gratis a todos os actuaes assignantes e correspondentes.

Tambem tem direito a este supplemento, bem como aos que ainda forem publicados n'este anno, todas as pessoas que tomarem assignatura pelo corrente anno.

Para os compradores avulso, o preço do supplemento é de 400 réis, e com o jornal 500 réis. O jornal só 120 réis.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA  
6, Rua do Thezouro Velho, 6